

ISSN 15169111

PAPERS DO NAEA Nº 334

**NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA O ESTUDO DA VIDA
ASSOCIATIVA DOS ARTESÃOS DE MIRITI: RELATÓRIO DE
CAMPO**

**Amarildo Ferreira Júnior
Silvio Lima Figueiredo**

Belém, Dezembro de 2014

O Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) é uma das unidades acadêmicas da Universidade Federal do Pará (UFPA). Fundado em 1973, com sede em Belém, Pará, Brasil, o NAEA tem como objetivos fundamentais o ensino em nível de pós-graduação, visando em particular a identificação, a descrição, a análise, a interpretação e o auxílio na solução dos problemas regionais amazônicos; a pesquisa em assuntos de natureza socioeconômica relacionados com a região; a intervenção na realidade amazônica, por meio de programas e projetos de extensão universitária; e a difusão de informação, por meio da elaboração, do processamento e da divulgação dos conhecimentos científicos e técnicos disponíveis sobre a região. O NAEA desenvolve trabalhos priorizando a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão. Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia.

A proposta da interdisciplinaridade também permite que os pesquisadores prestem consultorias a órgãos do Estado e a entidades da sociedade civil, sobre temas de maior complexidade, mas que são amplamente discutidos no âmbito da academia.

Papers do NAEA - Papers do NAEA - Com o objetivo de divulgar de forma mais rápida o produto das pesquisas realizadas no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) e também os estudos oriundos de parcerias institucionais nacionais e internacionais, os Papers do NAEA publicam textos de professores, alunos, pesquisadores associados ao Núcleo e convidados para submetê-los a uma discussão ampliada e que possibilite aos autores um contato maior com a comunidade acadêmica.



Universidade Federal do Pará

Reitor

Carlos Edilson de Almeida Maneschy

Vice-reitor

Horacio Schneider

Pró-reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Emmanuel Zagury Tourinho

Núcleo de Altos Estudos Amazônicos

Diretor

Durbens Martins Nascimento

Diretor Adjunto

Ana Paula Vidal Bastos

Coordenador de Comunicação e Difusão Científica

Silvio Lima Figueiredo

Conselho editorial do NAEA

Profa. Dra. Ana Paula Vidal Bastos

Prof. Dr. Armin Mathis – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Durbens Martins Nascimento – NAEA/UFPA

Profa. Dra. Edna Castro – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Fábio Carlos da Silva – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Francisco Costa – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Luis Eduardo Aragón Vaca – NAEA/UFPA

Prof. Dr. Silvio Lima Figueiredo – NAEA/UFPA

Setor de Editoração

E-mail: editora_ana@ufpa.br

Papers do NAEA: papers_ana@ufpa.br

Telefone: (91) 3201-8521

Paper 334

Recebido em: 14/10/2014.

Aceito para publicação: 11/12/2014.

Revisão de Língua Portuguesa de responsabilidade do autor.

NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA O ESTUDO DA VIDA ASSOCIATIVA DOS ARTESÃOS DE MIRITI: RELATÓRIO DE CAMPO

Amarildo Ferreira Júnior¹, Silvio Lima Figueiredo²

Resumo:

Esta nota de pesquisa apresenta um relatório de campo de caráter exploratório realizado durante a festividade do Círio de Nazaré, ocorrida em outubro de 2013, e no qual se acompanhou a inserção dos artesãos que criam os denominados Brinquedos de Miriti de Abaetetuba em quatro espaços públicos. Seu objetivo é subsidiar definições metodológicas e de categorias teóricas da pesquisa em andamento sobre a vida associativa no processo criativo desses agentes sociais. Realizado na cidade de Belém (Pará), este estudo coletou dados mediante observação direta dos espaços visitados e de realização de entrevista com alguns artesãos e com algumas pessoas relacionadas diretamente com eles ou com a realização dos eventos dos quais participavam. Em seu decorrer, o relatório apresenta os espaços visitados e descreve as observações realizadas em cada um deles e as informações obtidas durante as entrevistas realizadas. Em sua conclusão, são feitas considerações sobre as contribuições deste tipo de procedimento para a continuidade da pesquisa em curso e demonstra-se como sua realização pode contribuir para uma primeira aproximação empírica com o tema estudado, para a melhor definição das categorias teóricas a se analisar, e para a identificação das limitações metodológicas que a pesquisa pode apresentar.

Palavras-chave: Artesãos de miriti. Vida associativa. Relatório de campo. Círio de Nazaré. Técnicas de pesquisa.

INTRODUCTORY NOTES FOR STUDY THE ASSOCIATIVE LIFE OF MIRITI ARTISANS: FIELD REPORT

Abstract

This research note presents an exploratory field report conducted during the festivity of Círio de Nazaré, which occurred in October 2013, and which followed the inclusion of artisans who produce so called Miriti Toys of Abaetetuba in four public spaces. It aims to support methodological definitions and theoretical categories of ongoing research about associative life inside the creative process of those social agents. Held in the city of Belém (located in the state of Pará in the north of Brazil), this study collected data through direct observation of the spaces visited and conducting interview with some artisans and some people related directly to them or to the achievement of events of which participated. In its course, the report presents the visited areas and describes the observations made in each of them and the information obtained during the interviews. In its conclusion, we discuss the contributions of this type of procedure to continue the ongoing research and demonstrate as its realization can contribute to a first empirical approach to the subject studied, for better definition of theoretical categories to analyze and to identify the methodological limitations that research can present.

Keywords: Miriti artisans. Associative life. Field report. Círio de Nazaré. Research techniques.

¹ Discente do mestrado acadêmico em Planejamento do Desenvolvimento (PLADES) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA); graduado em Administração com Certificação de Qualidade pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

² Professor/pesquisador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil. Doutor em Comunicação (ECA/USP); realizou estágio pós-doutoral na Université René Descartes - Paris V Sorbonne.

INTRODUÇÃO

Anualmente, no mês de outubro, na cidade de Belém, capital do estado do Pará (Brasil), realiza-se um “complexo ritual” polissêmico (ALVES, 1980), a festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, registrada desde o ano de 2004 como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) e reconhecida desde 2013 como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, na sigla em inglês). Apoteose de inúmeras procissões e romarias que se dão no decorrer do ano em diversos municípios desse estado e que representa a liturgia multicultural do catolicismo paraense, cujo auge é a romaria realizada na manhã e início de tarde do segundo domingo do mês de outubro em Belém, durante essa ocasião social (GOFFMAN, 2010) a identidade da sociedade paraense é demarcada e conjugam-se suas culturas e éticas em um espaço-momento de cerca de quinze dias, conhecido como *quadra nazarena*, que se configura como acontecimento fundador da sociedade paraense e em que se realizam múltiplas festas, ligadas ou não à Igreja ou ao Estado, que, se em algum momento são conflituosas, nunca são contraditórias (FIGUEIREDO, 2005), contribuindo para a formação de diversos *lugares* (LEITE, 2004) na cidade de Belém.

Realizado pela primeira vez no ano de 1793, o Círio de Nazaré fortalece os símbolos católicos e a fé de seus fiéis (FIGUEIREDO, 2005), e entre tantos bens culturais a ele associados (IPHAN, 2006) encontra-se uma distinta modalidade de artesanato-artístico classificada por Loureiro (2012) como Brinquedos de Miriti de Abaetetuba (Figura 1), peças específicas elaboradas com uma fibra leve e de fácil entalhe, denominada “bucha” e retirada do pecíolo das folhas dos indivíduos ainda jovens da palmeira conhecida popularmente como miriti (*Mauritia flexuosa* L.f), e que recriam simbolicamente o imaginário social e cultural e a fauna e a flora da região Amazônica.

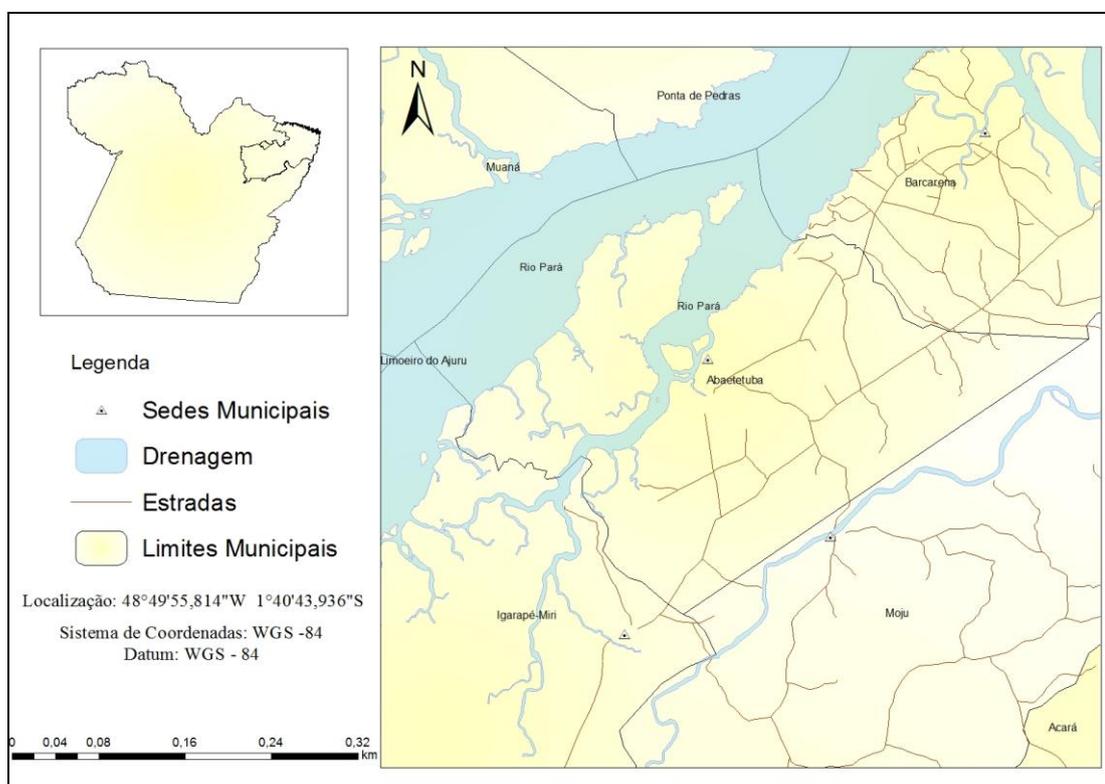
Figura 1 - Brinquedos de Miriti de Abaetetuba (serra-serra e barcos)



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2014).

Esses brinquedos coloridos são, assim como outros artesanatos genéricos feitos com fibras retiradas do miriti, produzidos por artesãs e artesãos conhecidos como *artesãos de miriti* que vivem no município de Abaetetuba (Figura 2), distante 51,2 quilômetros em linha reta de Belém, para a qual tradicionalmente se dirigem por ocasião da realização do Círio de Nazaré, tendo, para isso, motivações simbólicas e econômicas. Acredita-se que tal peregrinação para participar dessa festa e comercializar seus brinquedos ocorra desde o primeiro Círio de Nazaré, quando foi organizada a “Feira de Produtos Regionais da Lavoura e da Indústria” para a exposição de produtos das localidades do interior do estado (SOUZA, 1989), e que desde o ano de 1905 os Brinquedos de Miriti já constituíam uma das tradições do Círio de Nazaré (IPHAN, 2006), condição que teria sido alcançada pelo seu uso inicialmente como ex-votos e posteriormente alcançando uma maior comercialização.

Figura 2 - Mapa de localização de Abaetetuba



FONTE: elaborado por Karen Nogueira (2014).

Desse modo, os artesãos de miriti possuem motivações específicas recebidas do Círio de Nazaré e que não se resumem aos estímulos comerciais e econômicos que possuem, entrelaçando-se com uma ampla série de outros incentivos, com destaque especial para a expressão religiosa e de devoção do artesão em relação à Santa, o que permitiu que os Brinquedos de Miriti passassem a integrar a estrutura extraliturágica da paisagem mágico-religiosa de crença dessa festa como o seu símbolo artístico-cultural (LOUREIRO, 2012).

Assim, devido a essa especial e simbólica inserção dos artesãos de miriti nos eventos que ocorrem em Belém durante o Círio de Nazaré, e considerando nosso interesse em pesquisar a vida associativa³ no processo criativo desenvolvido por esses agentes sociais, o acompanhamento dos artesãos de miriti no decorrer dessa festa religiosa demonstrou-se como importante e necessário. Com isso, esta nota de pesquisa apresenta um relatório que faz a consolidação de um estudo prévio realizado durante a estadia dessas artesãs e artesãos em Belém para participar das festividades do Círio de Nazaré do ano de 2013. Nela, são esquematizadas algumas informações empíricas que estão subsidiando definições metodológicas e de categorias teóricas da pesquisa em desenvolvimento como dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDST)⁴.

Dessa forma, quatro espaços públicos em que os artesãos de miriti realizaram atividades durante o Círio de Nazaré 2013 foram visitados (a Estação das Docas, nos dias 10 e 11 de outubro, nos horários da noite e da tarde, respectivamente; a Praça Waldemar Henrique, na tarde do dia 11 de outubro; a Praça do Carmo, na noite do dia 11 de outubro; e a Praça Dom Pedro II, na noite do dia 12 de outubro), nos quais se estabeleceu contato com alguns artesãos e com algumas pessoas relacionadas diretamente com eles ou com a realização dos eventos dos quais participavam, e foram coletados dados mediante observação direta e entrevistas breves.

Em seguida, os dados coletados foram analisados e consolidados neste relatório de campo, que apresenta outras duas seções além desta introdução: na primeira parte, são apresentados os espaços visitados, descrevem-se as observações realizadas em cada um deles e apresentam-se informações obtidas durante as entrevistas realizadas; na segunda parte, são feitas considerações à guisa de conclusão sobre as informações e observações obtidas durante a realização desse trabalho de campo, apresentando-se suas contribuições para a continuidade da pesquisa em curso e demonstrando como a realização desse tipo de procedimento exploratório pode contribuir para que o pesquisador faça uma primeira aproximação empírica com seus interlocutores e os fenômenos que pretende estudar, permitindo-lhe uma melhor desconstrução de algumas armadilhas mentais passíveis de se apresentarem no decorrer de seu estudo, o entendimento das limitações da abordagem a adotar, e o levantamento de questões que poderão surgir do contato entre a abordagem metodológica e teórica e o fenômeno pesquisado.

³ A formulação do que se refere como vida associativa não é termo intercambiável com o que se identifica como associativismo, mas um conceito mais amplo que, partindo da ideia de ajuntamento que Goffman (2010) define, engloba tanto formas de se associar mais fluidas e dispersas nos contatos ordinários dos artesãos de miriti, mas que ainda assim influenciam o processo de concepção, produção e comercialização de suas peças artesanais, como formas associativas mais duradouras ou formalizadas e que, por essas características, se fazem presentes no escopo do que o associativismo trata, que, por necessidade de distinção, serão referidas neste trabalho pelo termo *associações civis*.

⁴ Este estudo está em andamento na pesquisa de dissertação intitulada “Entalhadores do efêmero: a vida associativa na criação dos Brinquedos de Miriti de Abaetetuba”, com conclusão prevista para o primeiro trimestre de 2015.

SÍNTESE DAS OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS REALIZADAS NOS ESPAÇOS VISITADOS

Estação das Docas: o projeto Miriti das Águas e a exposição Trilogia do Achado

A Estação das Docas é um complexo turístico e cultural localizado em Belém, às margens da Baía do Guajará, inaugurado no ano 2000 após um trabalho de restauração de armazéns que pertenciam à Companhia Docas do Pará (CDP), e atualmente administrado pela Organização Social (OS) Pará 2000. No período de 9 a 17 de outubro, durante a programação *Nazaré em Todo Canto*, que ocorre anualmente no período do Círio de Nazaré, esse complexo recebeu a terceira edição do projeto *Miriti das Águas*, realizado no Boulevard das Feiras e Exposições do complexo, com curadoria de Emanuel Franco⁵. Em 2013, o projeto foi composto por uma exposição de peças feitas com miriti (barcos, canoas, garças e guarás em tamanho real – Figura 3); concurso de artesanato de miriti, com exposição das obras concorrentes e selecionadas (Figura 4); oficinas de Brinquedos de Miriti (Figura 5) ministradas por artesãos da Associação dos Artesãos de Brinquedos e Artesanatos de Miriti de Abaetetuba (Asamab); e espaço para venda de artesanato como *souvenir* aos visitantes do complexo turístico (Figura 6).

Figura 3 - Réplica de barco em tamanho real com garças e guarás



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

⁵ Emanuel Franco é arquiteto e artista plástico; docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade da Amazônia (Unama); e diretor do Memorial Amazônico da Navegação.

Figura 4 - Obra premiada no concurso de artesanato: *Boi-Bumbá*, de Miguel Morais (Mestre Macaco)



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Figura 5 - Artesão Diabinho ministrando oficina de Brinquedos de Miriti



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior, 2013.

Figura 6 - Espaço para venda de artesanato de miriti como *souvenir*

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

O projeto, que teve apoio da Asamab e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), foi realizado pela Estação das Docas, por meio da OS Pará 2000, e pelo Governo do Estado, por meio do Sistema Integrado de Museus e Memoriais (SIM), vinculado à Secretaria de Estado de Cultura (SECULT) que, por sua vez, está vinculada à Secretaria Especial de Promoção Social.

No local, foram expostas três réplicas de barcos (Quadro 1) e três réplicas de canoas em tamanho real; uma revoada composta por 370 aves diversas, com predominância de garças e guarás; e as peças participantes do concurso de artesanato. Todas as embarcações e aves expostas foram produzidas por artesãos da Asamab, em atendimento de encomenda feita pela organização e curadoria da exposição, enquanto as peças selecionadas para o concurso de artesanato foram concebidas e produzidas pelos artesãos com base no tema proposto pela curadoria do evento – o Círio de Nazaré.

Quadro 1 - Relação das réplicas de embarcação expostas

NOME DO BARCO	CRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO
Flor de Abaeté	José Maria Silva, Manoel de Jesus Sozinho, Max Rodrigues da Silva, Nelson Farias, e Vilael Rodrigues
Mirite das Águas	Amadeu Sarges, Célio Ferreira, Celivaldo Ferreira, Manoel Pantoja, Nildo Farias, Rivaildo Peixoto
Pérola do Tocantins	Adenilson Abreu, Anderson Quaresma, Manoel Souza Miranda, Manoel Adelino, e Marcos Miranda

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Em matéria publicada na agência de notícias do Governo do Estado, o Secretário de Estado de Cultura, Paulo Chaves, afirma que a exposição possui um caráter surrealista e que os guarás e as garças foram escolhidos como elementos da exposição por suas cores (vermelha e branca) serem as mesmas presentes na bandeira do estado do Pará, e por representarem, na composição da exposição, uma expectativa do real e o símbolo de um voo para o destino do estado (AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS, 2013).

Além das réplicas de embarcações expostas e da revoada de guarás e garças, também foram expostas 22 obras que participaram do concurso de artesanato com a fibra do miriti (Quadro 2), que tinha como tema a própria festividade do Círio de Nazaré, das quais 10 foram selecionadas para receber a premiação de R\$ 1.700,00.

Quadro 2 - Relação de obras participantes do concurso de artesanato

NOME DA OBRA	AUTOR	OBS.
Abençoa-nos	Valdeleno Marquez Diogo (Leno)	Obra premiada
Aquário	Augusto Costa da Costa (Gugu)	–
Atelier	Nildo do Socorro Farias da Silva (Nildo)	–
Barco Círio de Nazaré	Manoel Correa Pantoja (Soquete)	–
Bica-Bica	Augusto Costa da Costa Júnior (Júnior)	Obra premiada
Boi-Bumbá	Miguel dos Santos Morais (Mestre Macaco)	Obra premiada
Caixeiro Viajante	Raimundo dos Santos Peixoto (Diabinho)	–
Casa Ribeirinha	Manoel de Jesus Feio Sozinho (Jê)	Obra premiada
Círio das Águas	José Roberto do Carmo Ferreira (Beto)	–
Come-Come	Augusto Costa da Costa (Gugu)	Obra premiada
Corda do Círio	Nildo do Socorro Farias da Silva (Nildo)	Obra premiada
Dia do Artesão	Raildo Morais Peixoto (Gordinho)	–
Festa de Aparelhagem	Dielza Silva da Silva (Dielza)	Obra premiada
Fofoia Casamento Ribeirinho	Diego Carlos Santos (Diego)	Obra premiada
Maquete da Procissão	Amadeu Gonçalves de Sarges (Amadeu)	Obra premiada
Móvil Alegria Pavulagem	Rillu Raiaras S. Peixoto (Lú)	Obra premiada
Móvil Balões	Manoel Benedito Feio Sozinho (Cita)	–
Peixe Tucunaré	Iranil Sousa Santos (Bebe)	–
Tartaruga	Iranil Sousa Santos (Bebe)	–
Tatu	Raimunda Farias Reis (Rai)	–
Veleiro	Manoel Raimundo Sozinho Miranda (Miranda)	–

Voadeira	Marco de Sarges Miranda (Marcos)	–
----------	----------------------------------	---

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Com exceção da obra *Móvil Balões*, todas as obras expostas, e principalmente as que foram premiadas, representavam diretamente características e elementos próprios da cultura e da vida cotidiana do município de Abaetetuba, em particular, e do estado do Pará, em geral: a fauna e os pescados da região (presentes nas obras *Aquário*, *Peixe Tucunaré*, *Tartaruga* e *Tatu*); o ofício do artesão de miriti e os brinquedos considerados tradicionais produzidos por esse ofício (presentes nas obras *Atelier*, *Bica-Bica*, *Come-Come* e *Dia do Artesão*); o Círio de Nazaré, suas procissões e seus elementos característicos (como é o caso das obras *Abençoa-nos*, *Círio das Águas*, *Corda do Círio* - Figura 7 – e *Maquete da Procissão*); e as manifestações culturais do estado e da tradição e do modo de vida ribeirinho (simbolizados nas obras *Barco Círio de Nazaré*, *Boi-Bumbá*, *Caixeiro Viajante*, *Casa Ribeirinha*, *Festa de Aparelhagem*, *Fofoia Casamento Ribeirinho*, *Móvil Alegria Pavulagem*, *Veleiro* e *Voadeira*).

Figura 7 – Obra premiada no concurso de artesanato: *Corda do Círio*, de Nildo Silva



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

As oficinas de Brinquedos de Miriti, por sua vez, foram ministradas por três artesãos associados à Asamab e realizadas no período de 10 a 17 de outubro, com exceção do sábado (12 de outubro) e domingo (13 de outubro), em dois turnos (manhã e tarde). Seu público-alvo foi definido como o público em geral que tivesse interesse em aprender técnicas básicas para a produção de Brinquedos de Miriti, com a inscrição sendo realizada no dia de cada oficina. No entanto, durante os

dois dias em que o local foi visitado, observou-se pouco interesse do público em participar das oficinas ou em estabelecer comunicação com os artesãos que as ministravam.

Por outro lado, o ambiente destinado à venda de *souvenires* apresentava um bom fluxo de pessoas e o estabelecimento de comunicação prioritariamente para a realização da compra/venda entre os visitantes e os três vendedores que se encontravam no local, todos familiares de membros associados da Asamab, e que foram abordados para a realização de entrevista. Os artefatos colocados à venda e anunciados em um painel como *souvenires* feitos de miriti eram de uma diversidade que ia desde a representação de elementos fortemente relacionados à região Amazônica (embarcações, cobras, aves, réplicas de casas ribeirinhas, quelônios, dançarinos, pato no paneiro com tucupi, borboletas, dentre outros) até a representação de elementos mais distantes do cotidiano de comunidades do interior da Amazônia (aviões e jatos, por exemplo), passando por peças comuns aos dois contextos (bonecas (os) e suas casas e camas, e móveis, por exemplo).

As peças são da associação [Asamab]. A gente vende, anota o que foi vendido e depois faz o pagamento para cada artesão. Cada peça é mais cara 20%, pra poder pagar a gente que tá vendendo (Marcilene Cunha Miranda, filha de artesão, 22 anos. Entrevista concedida em 10 out. 2013).

Nesse espaço, não havia nenhum artefato de uso doméstico, sendo predominante a presença de brinquedos, que possuem uma relação com as festividades do Círio de Nazaré mais forte se comparados com peças utilitárias, como as cestarias, por exemplo, cuja criação é comparativamente mais restrita.

Comum aos quatro ambientes da exposição *Miriti das Águas* era a inexistência de quaisquer tipos de materiais que permitissem aos turistas ou aos visitantes que não conheciam o artesanato de miriti ter acesso a informações relativamente mais profundas sobre essa atividade, sobre a palmeira que lhe dá o suporte material ou sobre as peças e obras expostas, caso assim quisessem. Entretanto, no espaço destinado à exposição das obras participantes do concurso de artesanato, estava instalado um painel com dois textos que chamaram atenção.

O primeiro texto (Figura 8), de autoria de Paulo Chaves, e que também integrou um catálogo lançado na última edição dessa exposição (FERNANDES, 2012), em um coquetel realizado no Mangal das Garças⁶ no qual a ausência de artesãos ou de pessoas que os representasse se destacou em meio à reunião de “[...] gestores, pesquisadores e técnicos envolvidos com o firme compromisso de preservação e valorização da identidade cultural do estado do Pará” (COSTA, 2012) e de um parco público que compareceu ao evento. Esse texto se limitou a citar brevemente a tradição familiar que caracteriza o artesanato de miriti e a relação dos Brinquedos de Miriti com o Círio de Nazaré,

⁶ Inaugurado no ano de 2005, é um parque naturalístico originário da revitalização de uma área de cerca de 40.000 metros quadrados às margens do rio Guamá, próximo ao Centro Histórico de Belém. Assim como a Estação das Docas, também é administrado pela OS Pará 2000.

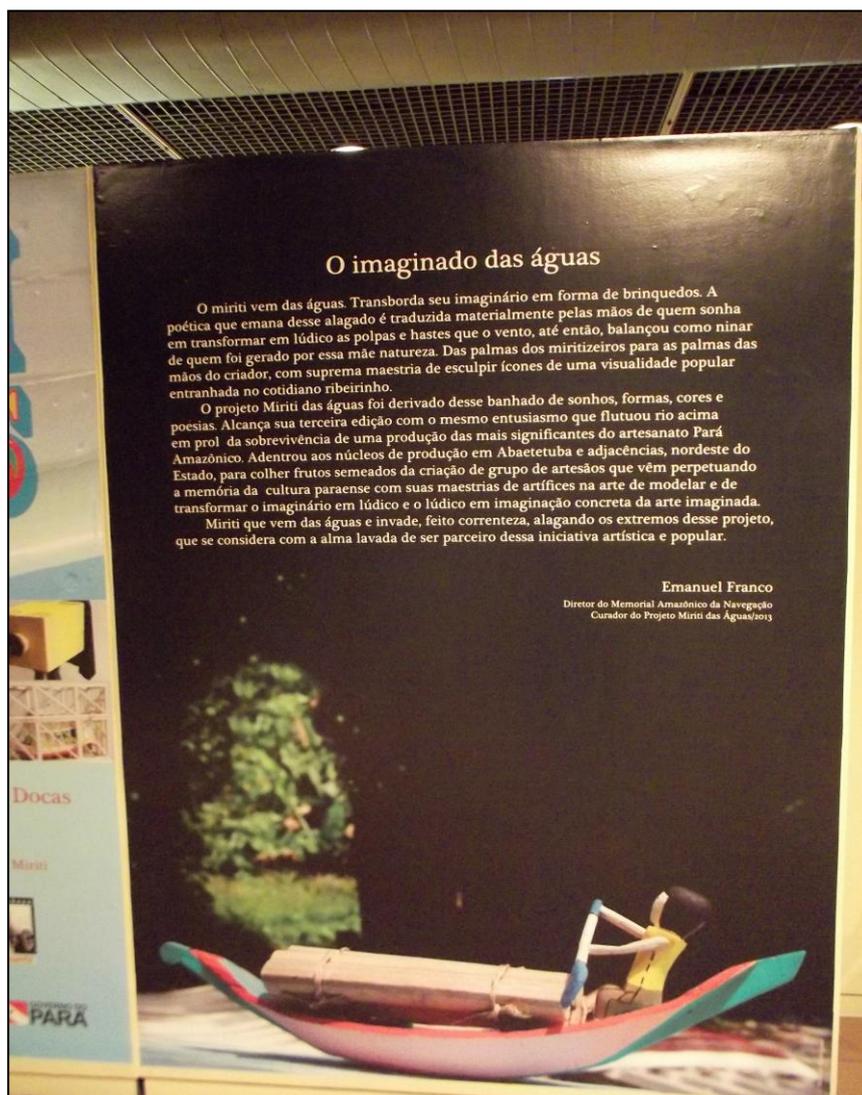
restringindo-se ao uso de uma linguagem poética e que ressalta, portanto, o valor estético do artesanato de miriti na composição dessa procissão.

Figura 8 - Pannel com texto de Paulo Chaves Fernandes sobre a relação dos Brinquedos de Miriti com o Círio de Nazaré



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

O segundo texto (Figura 9), por sua vez, além de também utilizar uma linguagem com intencionalidade de aproximação com a linguagem poética, destinava-se a apresentar o conceito que os organizadores do evento quiseram infundir ao projeto e destaca uma pretensa parceria realizada entre seus idealizadores e organizadores com os principais agentes desta expressão artística popular.

Figura 9 - Painel com texto de Emanuel Franco sobre o projeto Miriti das Águas

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

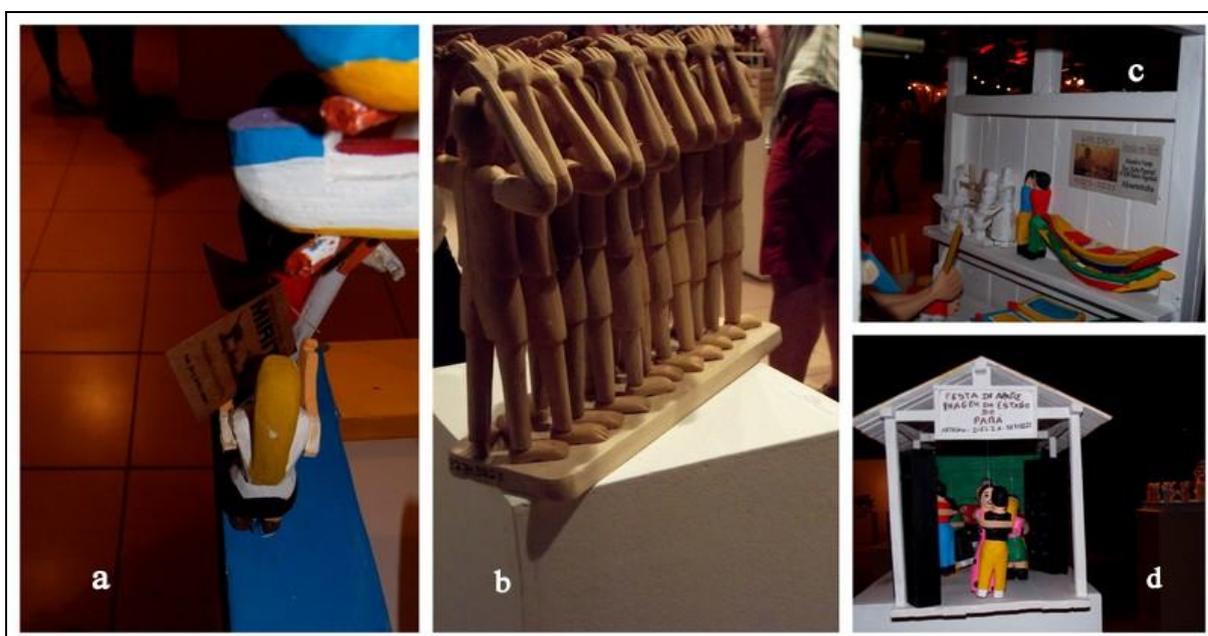
Ambos os textos são caracterizados por essa aproximação com a linguagem poética e pelo uso de metáforas e comparações, estabelecimento de simbologias, característica que talvez seja originária da abordagem museológica e historiográfica selecionada, que também fica visível pela presença de monitores na exposição para cumprirem o papel de prestação de informações a quem solicitá-las, como foi confirmado quando um deles foi indagado sobre a falta de informações relativa à atividade artesanal com miriti e respondeu que eles próprios poderiam dispor das informações necessárias.

Também se destacou a instalação no espaço da exposição de um televisor com aparelho de reprodução de vídeo instalado, no qual era constantemente exibido o filme de curta duração *Miriti das Águas*, no qual três artesãos, que não eram identificados na gravação, comentavam sobre os desafios, o processo e a satisfação na construção das réplicas de barcos expostas. Percebeu-se também a ausência dos artesãos do local de exposição, que se restringiam às áreas de realização das oficinas e de

comercialização do artesanato produzido. A Asamab, que nos materiais de divulgação da exposição era apresentada como apoiadora do projeto, também não teve menções e explanações mais profundas sobre si, tendo sido notado que mesmo o significado da sigla da associação não fora apresentado ao público visitante da exposição nos *banners* e painéis instalados no local.

Dessa forma, o público visitante estabelecia contato com os produtos dessa manifestação do povo, mas não com as pessoas que os produziram (GARCÍA CANCLINI, 1983), que eram identificadas apenas por uma etiqueta com seus nomes, embora três desses artesãos tenham aberto possibilidades de contatos futuros por meio de suas próprias obras ao inserirem nelas seus contatos (Figura 10).

Figura 10 - Obras de três artesãos com contatos inseridos



a) etiqueta com contato de artesão no detalhe da obra *Maquete da Procissão*, do artesão Amadeu Sarges; b) contato na base de sustentação da obra *Corda do Círio*, do artesão Nildo Silva; c) cartão de visita inserido na obra *Atelier*, do artesão Nildo Silva; d) contato de artesão inserido na parte frontal da obra *Festa de Aparelhagem*, da artesã Dielza Silva.

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Além do projeto *Miriti das Águas*, a Estação das Docas também recebeu a exposição *Trilogia do Achado*, realizada pela OS Pará 2000 em dois espaços públicos administrados por essa organização (na Estação das Docas, no período de 10 de outubro a 3 de novembro; e no Hangar Centro de Convenções e Feiras da Amazônia, de 10 de outubro a 10 de novembro). Na Estação das Docas, a exposição, cuja criação visual foi do artista plástico Emanuel Franco, foi instalada no Boulevard da Gastronomia do complexo turístico.

Em matéria publicada na página eletrônica da Estação das Docas, diz-se que esta exposição tinha como objetivo o uso de “[...] objetos de miriti para contar a história do momento em que a imagem de Nossa Senhora de Nazaré foi encontrada”⁷ (KLAUTAU, 2013), utilizando, para isso, barcos, pássaros e berlindas de miriti (Figura 11).

Figura 11 - Embarcações suspensas expostas na Estação das Docas como integrante da exposição *Trilogia do Achado*



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

De acordo com Klautau (2013), as embarcações expostas na Estação das Docas foram colocadas suspensas para permitir o diálogo com a Baía do Guajará, enquanto as embarcações expostas no Hangar foram montadas em posição horizontal, para que o diálogo fosse realizado com os espelhos do local. Assim, tal qual o projeto *Miriti das Águas*, a exposição *Trilogia do Achado* também apresenta um caráter museológico, historiográfico e de celebração dos significados do Círio de Nazaré. A semelhança não se restringe a esse aspecto, pois em ambas inexistem informações sobre o artesanato de miriti como manifestação cultural do estado do Pará, é feita uma operação de ocultação das pessoas que realizam as práticas que permitem a existência dessa manifestação cultural, e à

⁷ Segundo a tradição, a imagem de Nossa Senhora de Nazaré teria sido encontrada no ano de 1700, pelo caboclo Plácido José de Souza, às margens do Igarapé Murutucu, onde atualmente está construída a Basílica Santuário.

exposição *Trilogia do Achado* foi reservado um espaço com pouca movimentação de pessoas, o que ao mesmo em que ocasiona uma impressão de esvaziamento do local, influi uma atmosfera de presença de algo adventício neste espaço.

Praça Waldemar Henrique: a Feira do Artesanato do Círio

No período de 9 a 13 de outubro, a Praça Waldemar Henrique recebeu a Feira do Artesanato do Círio, promovida pelo Sebrae e com apoio do Governo do Estado por meio das Secretarias de Estado de Turismo (Setur) e de Trabalho, Emprego e Renda (Seter). A feira, que teve expectativa de movimentar R\$ 300 mil em negócios e receber 30 mil visitantes (PINHEIRO, 2013b), disponibilizava 58 estandes montados e comercializou diversas peças de artesãos de todo o estado do Pará.

Este espaço visitado abrigava há muito tempo a Feira do Artesanato de Miriti durante as festividades do Círio de Nazaré, tendo passado a abrigar também, a partir do ano de 2009, a Feira do Círio, destinada a receber artefatos diversos relacionados com a festa religiosa e que até o ano de 2008 era realizada ao lado da Basílica Santuário, ambas coordenadas pelo Sebrae e unificadas sob a denominação Feira do Círio e do Miriti, embora o nome “Feira do Miriti” tenha prevalecido como referência ao evento.

Em 2013, no entanto, a organização do Sebrae, a partir de demandas recebidas de outros artesãos do estado do Pará, que afirmavam não ter acesso àquele espaço para comercialização de seus artefatos devido à predominância dos artesãos de miriti, decidiu reformular o conceito da feira ali realizada.

Essa Feira [do Artesanato do Círio] sempre foi mesclada. O que acontecia é que eram duas feiras, a do miriti e a do Círio, que se juntaram e que, até o ano passado, a maior parte, cerca de 60% dos estandes, era ocupada por artesãos de Abaetetuba. Esse ano, o Sebrae decidiu mudar o conceito da feira, por conta da solicitação de outros artesãos do estado. E o que aconteceu foi que os artesãos de Abaetetuba não aceitaram, discordaram disso, e por isso fizeram uma feira de forma separada. [Eles] achavam que outros lugares eram melhores e, como o nome miriti pertence a eles, nós adotamos só o nome de Feira do Artesanato do Círio (MARYELLEN LIMA, funcionária do Sebrae. Informação obtida em 11 out. 2013).

No entanto, essa reformulação desagradou aos artesãos da Asamab, a maior associação civil de Abaetetuba em número de artesãos, que reivindicavam a permanência da denominação anterior por conta da estreita relação que os Brinquedos de Miriti possuem com a tradição nazarena e viam tal mudança como uma redução da importância dada ao artesanato de miriti de Abaetetuba durante a realização do Círio de Nazaré, além de reclamarem das restrições de horário que a Feira do Artesanato do Círio apresentava a eles, impossibilitando vendas em horários com maior fluxo de pessoas pelo local, do valor cobrado para expor nesse

evento, e da triagem pela qual as peças deveriam começar a passar. Assim, em 2013, somente a Feira de Artesanato do Círio foi realizada no local, o que ocasionou o esvaziamento do número de artesãos que trabalham com miriti (dos 58 estandes que compunham a feira, observou-se somente seis que comercializavam artesanato de miriti) em comparação com os anos anteriores.

[...] a gente tava lutando pra feira ser só de miriti. Aí, como nós não conseguimos, fez esse desmembramento. Por isso que ficou em três lugares. Ficou um pouquinho na Estação [das Docas], um pouco... Alguns vieram pra cá, mas é porque o pessoal *maior* tá lá na [Praça] Dom Pedro II mesmo. Mas eu estava lá, minha barraca é lá, eu só vim pra cá por causa do Pirias, que é primo do meu marido e disse que eu poderia trazer algumas peças pra cá. Mas o recomendado não era nenhum de lá vir pra cá. Eu comentei com o Riva [Rivaildo Peixoto, atual presidente da Asamab], e ele disse que se for pra colocar alguns brinquedos não tem problemas. Porque tem só alguns estandes aqui nessa feira, até porque a gente acha que prejudica um pouco aqui, porque deixa[m] de comprar um Brinquedo de Miriti, alguma coisa de miriti, os turistas vêm e já vão levando outras coisas (ROSINEIA SILVA, 28 anos, artesã de miriti. Entrevista concedida em 11 out. 2013).

Em visitas realizadas à feira desde o ano de 2007, observava-se que os estandes eram majoritariamente ocupados por artesãos que provinham de Abaetetuba e trabalhavam com o miriti como matéria-prima, observação comprovada em conversa com artesãos e com a analista técnica da Unidade de Mercado do Sebrae, Maryellen Lima, e que justifica por que mesmo após a unificação das duas feiras sempre se relacionou o evento com o artesanato feito de miriti.

As observações iniciais realizadas evidenciaram as formas contraditórias com que o poder público trata o local visitado, que no decorrer de todo o ano não recebe os serviços adequados para sua conservação, resultando em espaços de expressão cultural e de lazer danificados, mas que ainda assim abrigam a existência de dinâmicas e práticas sociais próprias e importantes para a cidade de Belém. Por outro lado, durante a quadra nazarena, delimitação do período de realização das festividades e romarias do Círio de Nazaré na cidade de Belém, o *status* dado ao local muda, com intervenções públicas sendo realizadas, geralmente para esconder as sociabilidades que o caracterizam no restante do ano.

Essa aparente mudança⁸ de percepção do papel deste espaço pelo poder público utiliza-se da justificativa de que tal praça possui uma localização estratégica por ser tradicionalmente um ambiente para manifestações culturais e receber um grande fluxo de pessoas que participam das principais procissões que fazem parte da festividade do Círio de Nazaré, o que gera oportunidades para os artesãos exporem e comercializarem sua produção entre os turistas que vêm para a cidade por conta da realização da festa religiosa (PINHEIRO, 2013b).

⁸ Pensa-se que não há uma mudança da forma de concepção e percepção deste espaço pelo Estado, mas uma mudança tão somente do discurso utilizado para apresentar o real papel que o poder público confere a este local. Assim, a postura estatal é voltada justamente para a utilização e maior valorização de tal espaço durante a quadra nazarena e nos termos em que atualmente é utilizado nessa época, desconsiderando-se toda a existência social que aí se manifesta em outros períodos do ano.

Essas primeiras observações também apontaram uma lógica de organização do espaço, na qual se tinha uma zona anterior, ao redor de toda a praça, com barracas padronizadas instaladas, nas quais eram vendidos alimentação, principalmente comidas típicas da região, e bebidas, e uma zona mais interna, com barracas para venda de alguns artigos artesanais (Figura 12). Essas duas primeiras zonas também eram integrantes da feira, evidência obtida pela observação de todos utilizarem camisetas com a marca do evento (embora as camisetas da área externa fossem distintas das camisetas usadas na área interna à feira), mas estavam na área exterior ao espaço montado no centro da praça, coberto e refrigerado, e no qual estavam instalados os estandes de venda, mais sofisticados que tais barracas que, diferente dos estandes, apresentavam as marcas da Associação dos Artesãos e Expositores do Pará e Amazônia (Artepam) e do Sindicato dos Artesãos do Estado do Pará (Sinaepa).

Figura 12 - Espaços identificados na Praça Waldemar Henrique



a) barracas de venda de comidas e bebidas (área externa); b) barracas de venda de artesanato (área externa); c) área coberta vista de fora evidenciando a divisão com as barracas externas; d) área reservada para a organização e trabalhadores do evento, com banheiros químicos ao lado.

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Embora não tenha sido obtida a informação sobre a existência de diferença de preços entre expor os produtos nos estandes instalados no ambiente coberto e refrigerado da feira (que custavam R\$ 250,00) ou nas barracas instaladas em sua área externa, não se percebeu grandes diferenças entre os tipos de produtos artesanais vendidos nestas barracas e os produtos vendidos nos estandes⁹, tendo sido encontrados, inclusive, artesanatos de miriti nas duas áreas. No entanto, os artefatos de miriti

⁹ Em termos de diversidade, a feira disponibilizou ao visitante uma ampla variedade de produtos, dentre eles bombons artesanais, comidas, velas e luminárias, bonecas, quadros, confecções, calçados, bijuterias e biojoias, instrumentos musicais, etc. A maioria desses produtos tinha como referência a festividade do Círio, o estado do Pará e a cultura e natureza amazônicas. IR PARA A PÁGINA ONDE INICIOU

encontrados na área externa estavam sendo expostos para revenda por um artesão da Região Metropolitana de Belém (RMB) que também expunha peças de sua autoria no local, enquanto na área coberta os artesanatos de miriti eram vendidos diretamente por seus produtores ou por seus representantes diretos, normalmente um familiar ou vizinho.

Além dessas três áreas, havia outro espaço, também coberto e refrigerado, destinado aos coordenadores do evento e com uma área para descanso de quem estava trabalhando na feira em funções de suporte (seguranças, Corpo de Bombeiros, responsáveis pela limpeza do local, etc.). Ainda em termos de estrutura, ao lado dessa área destinada aos organizadores do evento foram instalados banheiros químicos para atendimento tanto dos visitantes da feira quanto dos expositores.

No espaço refrigerado, foram encontrados seis estandes com vendas de artesanatos de miriti, todos de artesãos de Abaetetuba. Um desses estandes estava ocupado pelos artesãos Ivan e Síría Leal. Durante a visita, somente Síría estava no local e, apesar de ter dado informações de que estava vendendo tanto naquele espaço quanto na Praça Dom Pedro II e de que ela auxilia o esposo na concepção e elaboração das peças, a artesã justificou que, por estar só e ter que ficar atenta aos atendimentos e efetuar alguns reparos em peças, não poderia ceder entrevista, mas que o artesão conhecido como Pirias poderia prestar informações relevantes, pois era o “melhor artesão do Brasil” e tinha uma produção mais refinada (Figura 13).

Figura 13 - Peças esculpidas em miriti pelo artesão Pirias



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

No estande de Ivan e Síría, embora também tenham sido encontrados brinquedos, constatou-se a predominância de cestarias (artefatos elaborados com fibras trançadas) e de peças de uso doméstico, decorativo ou utilitário, como espelhos, luminárias e pequenas réplicas de barcos para decoração – comercializados por meio de encomendas com pessoas de outros estados do Brasil, com destaque para Rio de Janeiro e São Paulo, conforme informações da artesã Síría –, com predominância da utilização da parte fibrosa mais externa do pecíolo do miritizeiro, conhecida popularmente como tala (Figura 14).

Figura 14 - Espelhos, abajur e dançarinos expostos no estande dos artesãos Ivan e Síría



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Para a obtenção de uma das vagas disponibilizadas para a Feira do Artesanato do Círio era necessária uma pré-inscrição, aberta até o dia 30 de agosto, na sede do Sebrae, em Belém, ou em seu escritório em Abaetetuba, com preenchimento de ficha de inscrição e entrega de no mínimo dois e no máximo seis produtos para a realização de processo de curadoria nos dias 2 e 3 de setembro (PINHEIRO, 2013a). Após essa curadoria, os aprovados tiveram que fazer sua inscrição definitiva no período de 9 a 13 de setembro, mediante o pagamento de 30% do valor do estande em um dos polos de Atendimento do Sebrae, com definição nesse momento dos espaços ocupados por cada artesão, utilizando o critério de preferência por ordem de chegada.

Assim como na Estação das Docas, a organização do evento não disponibilizava nenhum tipo de informação sobre os artesanatos expostos e sobre a localização de cada tipo de artesanato no espaço da feira, embora tenha realizado um processo de curadoria e seleção anteriormente, o que lhe permitiria elaborar material de divulgação. No entanto, diferentemente da Estação das Docas, onde as peças foram colocadas numa exposição museológica, na Feira do Artesanato do Círio, na qual o

objetivo principal era a realização de negócios entre os artesãos e os visitantes, essa lacuna era preenchida pelos próprios expositores, que levavam materiais informativos próprios, realizavam trocas de contatos e podiam dar as explicações pertinentes aos visitantes. Em comparação à Estação das Docas, a Feira do Artesanato do Círio permitia a coexistência no mesmo espaço dos produtos culturais e de seus realizadores, mas fragilizava os elementos simbólicos e os significantes das práticas sociais e culturais que permeiam a produção artesanal ao valorizar mais seus aspectos comerciais.

Praça Dom Pedro II: a Feira do Artesanato de Miriti

Devido a mudanças conceituais na feira realizada na Praça Waldemar Henrique, no ano de 2013 a Feira do Artesanato de Miriti aconteceu na Praça Dom Pedro II, localizada em frente à Prefeitura de Belém e próximo à Igreja da Sé, local de chegada da procissão da trasladação e de saída da procissão principal do Círio de Nazaré, além de estar localizada próximo ao Complexo Feliz Lusitânia, importante atrativo turístico da cidade. Inicialmente proposta para ser realizada no período de 10 a 13 de outubro, essa feira se estendeu até o dia 14 de outubro por causa das poucas vendas efetuadas nos primeiros dias do evento, e todas as suas 42 barracas eram feitas de uma estrutura de madeira e miriti coberta por lonas plásticas, de maneira similar à estrutura utilizada no Festival do Miriti – MiritiFest¹⁰ (Figura 15).

Figura 15 Comparação entre as barracas do MiritiFest e da Feira do Artesanato de Miriti



¹⁰ O MiritiFest é um festival realizado anualmente em Abaetetuba. Em sua décima edição, realizada nos dias 3, 4 e 5 de maio de 2013, na Praça Francisco de Azevedo Monteiro, o evento foi composto por uma feira de exposição e comercialização do artesanato de miriti; de uma praça de alimentação com venda de pratos e sobremesas elaborados com o fruto do miritizeiro; apresentação de atrações musicais e culturais; concurso da canção do festival; e o concurso Garota MiritiFest.

a) barraca expondo réplica de barco de miriti no MiritiFest 2013; b) barraca na Feira do Artesanato de Miriti 2013

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Diferentemente da exposição realizada na Estação das Docas e da feira realizada na Praça Waldemar Henrique, a Feira do Artesanato de Miriti não obteve nenhum tipo de patrocínio ou apoio institucional, sofrendo, inclusive, problemas como indisponibilidade de energia elétrica às barracas instaladas no local e tentativa de retirada dos artesãos do local pelos agentes da Secretaria Municipal de Economia (Secon). Os próprios artesãos foram responsáveis, portanto, pelos custos de seu transporte, alimentação e hospedagem - sendo que vários deles pernoitavam no local - e pela instalação da estrutura do evento organizado pela Asamab, que cobrou uma contribuição no valor de R\$ 100,00 para cada barraca, com o objetivo de cobrir os custos operacionais da feira.

Esta feira foi caracterizada pela grande variedade de artesanatos feitos com a fibra ou com o fruto do miriti, encontrando-se tanto brinquedos considerados mais tradicionais - cobras-que-mexem, barcos, pila-pilas e dançarinos -, como brinquedos considerados mais sofisticados - aviões, helicópteros, bonecas e bonecos -, além de bijuterias, chaveiros e licores preparados artesanalmente com o fruto do miritizeiro. As representações também eram diversas, mas havia predominância de elementos associados ao estado do Pará e à região Amazônica e de elementos associados à festividade religiosa do Círio de Nazaré, com a imagem da Santa sendo amplamente utilizada.

Com relação à localização da feira, embora sua proximidade a pontos que gerassem grandes fluxos de pessoas, a iluminação não favorecia o acesso e a circulação de pessoas pelo local, e a ausência de uma infraestrutura básica, como disponibilização de banheiros químicos e os obstáculos para instalação de iluminação nas barracas, por exemplo, prejudicava os artesãos e os visitantes, o que gerou a necessidade de prorrogação da feira e de adiamento do retorno dos artesãos para Abaetetuba do dia 14 para o dia 15 de outubro, após a realização do desmonte da estrutura instalada. No entanto, o local permitia uma melhor aproximação do público com os realizadores do artesanato de miriti, inclusive com aqueles que foram responsáveis pela construção das réplicas de barcos em tamanho real que estavam expostas na Estação das Docas.

Não obstante, vários artesãos deixavam alguma pessoa, geralmente um familiar, para ficar responsável pelas vendas nas barracas e saíam com suas girândolas¹¹ (Figura 16) para a realização de vendas de peças pelas ruas do centro da cidade.

¹¹ Embora nos dicionários de língua portuguesa a girândola seja um termo utilizado para designar uma “roda ou travessão com encaixes para foguetes, que sobem e estouram ao mesmo tempo” (BUENO, 2007, p. 388), na cosmologia do artesanato de miriti, girândolas são cruces de braços duplos de miriti que os artesãos utilizam como suporte para realização de vendas ambulantes dos brinquedos que criam (LEITE, 2009).

Figura 16 - Girândola para realização de vendas ambulantes

FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

Destaca-se que os artesãos que também mantinham estandes na Feira do Artesanato do Círio, embora realizassem revezamento no atendimento em cada espaço, declaravam que preferiam estar na Feira do Artesanato de Miriti, pois afirmavam que expor ali era menos cansativo e que enquanto a feira organizada pelo Sebrae encerrava suas atividades às 22h todos os dias, com exceção do sábado (12 de outubro), no qual, devido ao grande fluxo de pessoas gerado pela trasladação, funcionaria até às 23h59min, poderiam realizar vendas em qualquer horário e adaptar o ritmo de trabalho de acordo com o fluxo de pessoas na Praça Dom Pedro II.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que, apesar de todos os artesãos que tinham barracas na Feira do Artesanato de Miriti fossem associados da Asamab, nem todos eram moradores de Abaetetuba, tendo sido encontrados artesãos que, apesar de possuírem laços estreitos com este município e serem naturais de lá, vivem em Belém, onde possuem loja de venda de artesanatos elaborados com matérias-primas adquiridas naquele município.

Visita à Praça do Carmo

A Praça do Carmo foi o último espaço visitado, no dia 11 de outubro, após a realização da segunda visita à Estação das Docas e da visita à Feira do Artesanato do Círio. Neste local, encontravam-se moradores das proximidades, boêmios, artistas, parte das classes médias que afluíram

ao local por conta das encenações do Auto do Círio¹² e barracas e girândolas de artesãos que vendiam suas peças ou descansavam de suas caminhadas pelas ruas do centro durante suas vendas. Essa elevada concentração de pessoas, somada ao som de uma roda de batuque que acontecia no local, não possibilitou a realização de entrevistas com os artesãos presentes nessa praça, que responderam somente indagações breves, complementadas por observações.

A Praça do Carmo constitui um dos primeiros espaços em Belém onde se concentravam os vendedores de artesanato de miriti durante o Círio de Nazaré, que aproveitavam a proximidade do local à Igreja da Sé e o elevado número de pessoas que o frequenta durante os fins de semana da festividade religiosa para realização da venda de seus artefatos. As observações iniciais realizadas nesse espaço evidenciaram que o número de artesãos ali presentes era menor do que a quantidade encontrada nos demais espaços visitados e que há uma redução, perceptível visualmente, da quantidade de artesãos que elegem esse local para instalação de sua barraca em relação aos anos anteriores.

Ali foram identificados basicamente dois perfis de artesãos: o primeiro, composto por aqueles que não pertenciam a nenhuma associação civil e/ou não podiam pagar o valor de R\$ 100,00 que a Asamab estava arrecadando para cobrir alguns dos seus custos operacionais e, portanto, não puderam se instalar na Praça Dom Pedro II, e também não o puderam na feira localizada na Praça Waldemar Henrique por não possuírem vínculo com o Sebrae e/ou tampouco poderem pagar o valor de aluguel cobrado por cada estande daquele espaço; o segundo, composto por artesãos que possuíam barraca na Feira do Artesanato de Miriti, na qual algum familiar permanecia como responsável, mas resolveram instalar-se na Praça do Carmo pela tradição que o local possui na venda de Brinquedos de Miriti ou para ter um ponto de venda adicional – nesse sentido, alguns dos artesãos apenas levavam uma girândola com peças para a realização de vendas no local.

Comum aos dois perfis era o fato de dormirem nas suas próprias barracas instaladas na praça (Figura 17), de forma semelhante a alguns dos artesãos instalados na Praça Dom Pedro II, e nas quais podiam atender a qualquer horário as várias pessoas que circulavam durante todo o dia, além de efetuarem os reparos e os serviços de acabamento de peças ali mesmo; o reconhecimento do local como tradicional para a venda de Brinquedos de Miriti durante o Círio de Nazaré; e a relação de proximidade estabelecida e mantida durante essa ocasião social com alguns moradores do local, que lhes disponibilizavam refeições, sobretudo o almoço do domingo do Círio, e um local para realização de suas atividades de higiene pessoal.

¹² Espetáculo teatral de rua realizado desde o ano de 1993 e organizado pela Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (ETDUFPA), que percorre as ruas do centro histórico de Belém (bairro Cidade Velha) na noite de sexta-feira que antecede o Círio de Nazaré, saindo da Praça do Carmo e chegando a um palco instalado próximo à sede da Prefeitura Municipal, onde se continua a encenação e se apresentam shows musicais.

Figura 17 - Barraca de artesão instalada na Praça do Carmo (mesas de bar ao fundo)



FONTE: Amarildo Ferreira Júnior (2013).

À GUIA DE CONCLUSÃO

Para a realização de pesquisas como essa para a qual este relatório de campo foi elaborado como instrumento de subsídio para a definição de abordagens e técnicas de pesquisa, e que se volta para o estudo das relações sociais que ocorrem no processo criativo do Brinquedo de Miriti, preocupando-se em apreender como os artesãos de miriti se organizam socialmente em torno de seu(s) processo(s) de criação, há necessidade de delimitação de categorias teóricas a serem utilizadas.

Inicialmente, tais categorias devem ser buscadas no que atualmente há registrado sobre o que se pretende estudar, recorrendo-se, desse modo, à pesquisa bibliográfica, que permite a elaboração de questões que possibilitam o entendimento de por que ou como acontecem os eventos pesquisados (YIN, 2010). Entretanto, nesses casos, deter-se à pesquisa bibliográfica nem sempre é suficiente, pois se a bibliografia permite uma construção teórica para efetuar o exame do fenômeno, comumente há a necessidade de que se realize a análise de dados obtidos de forma empírica para a elaboração ou a reformulação da teoria (PAGÈS *et al.*, 2008).

Em muitos casos, somente assim pode-se passar dos primeiros esboços teóricos para uma elaboração mais aprofundada sob a restrição dos dados empíricos, além de se afrontar contradições conceituais, pois através desse movimento cognitivo, denominado por Pagès *et al.* (2008) *suspensão*

teórica, a inserção de um coeficiente de dúvida permite levar o pensamento para zonas intermediárias e, dando maleabilidade à criatividade teórica, possibilita a reformulação das teorias e a intervenção de novas sínteses teóricas.

É nesse sentido que a elaboração deste relatório de campo contribui para a pesquisa em desenvolvimento, pois, sendo originário de um estudo exploratório, possibilitou o encontro entre o que se retirou das leituras até então realizadas com o que se observou durante o trabalho de campo, e assim refinou o processo de definição das categorias teóricas que deverão ser mais bem trabalhadas e observadas, afinal, o necessário é saber *o que* se tem que observar (POE, 2012).

Com isso, pode-se problematizar socialmente a análise situacional a ser realizada no decorrer da pesquisa, quando serão coletados dados de natureza fatural que estão relacionados a elementos objetivos e enumeráveis, e dados de natureza perceptiva, que se relacionam com as maneiras pré-conscientes dos indivíduos se representarem ou descreverem elementos da realidade, de forma que seja possível identificar a confluência de sentidos e significados para os enredos que devem ser observados com acuidade, recordados com clareza e destrinchados atentamente durante a análise dos dados coletados (POE, 2012; CEFAÏ, VEIGA; MOTA, 2011).

Assim, como a produção do artesanato é marcada por um ritmo próprio, influenciado por relações de parentesco, de vizinhança, de amizade ou por fatores de ordem religiosa, que determinam a realização ou o interdito do trabalho em determinada época do ano (LOUREIRO, 2012; LIMA, 2009), há a necessidade de que sejam realizados trabalhos de campo intercalados em momentos diferentes para perceber as mudanças temporais, conforme fora possível apreender nos momentos em que alguns entrevistados afirmaram que só trabalhavam com o miriti para atender às festas religiosas de Belém e de Abaetetuba e/ou o MiritiFest, realizando outras atividades durante o restante do ano.

A gente começa em abril... Em abril a gente já tá começando a fazer as peças. E, aí, acabou o mês da festividade de Nazaré e quando começa a entrar o ano, a gente já começa a trabalhar logo pro MiritiFest lá de Abaeté. A gente já começa a fazer... Praticamente é o ano todo, pra atender o MiritiFest, o Círio de lá [Abaetetuba] e o Círio daqui, e a gente tem encomenda... “Pinta” encomenda e aí a gente tá com o estoque ali só pra entregar (OSWALDO BRITO, 27 anos, assistente de artesão. Entrevista concedida em 10 out. 2013).

No entanto, identificou-se que, embora a produção artesanal com miriti em Abaetetuba ainda possua um caráter de tradição familiar muito forte, as realizações de ajuntamentos e associações com pessoas para além do ciclo familiar também se mostram frequentes, com a identificação de uma incipiente organização pautada em aspectos empresariais e mercadológicos e que, portanto, está começando a ir além de círculos familiares e de vizinhança em sua configuração. Observou-se que cada artesão possui uma lógica própria de realizar associações com outras pessoas, definida por questões sazonais ou simbólicas e afetivas, e que a organização da divisão do trabalho, embora se possa deduzir uma predominância do tipo familiar no qual às mulheres é reservado o trabalho de

acabamento e, eventualmente, de realização das vendas, também segue a mesma lógica que orienta os ajuntamentos, formais ou informais, temporários ou duradouros.

Nos espaços visitados, todos caracterizados como espaços públicos, o artesanato de miriti apresentava-se com o papel de aproximar o observador/visitante/consumidor da realidade da região, com vinculação da arte/artesanato à tradição ribeirinha e a características socioculturais e econômicas do município de Abaetetuba, no qual há forte presença econômica da atividade de construção naval artesanal e do uso de embarcações de pequeno e médio porte como meio de transporte – daí a *onipresença* nos espaços visitados de réplicas de embarcações nos mais diversos tamanhos –, além da identificação de diversas peças relacionadas à fauna da região, às suas manifestações culturais e à procissão do Círio. Houve predominância de peças lúdicas e decorativas nestes espaços, embora tenham sido encontrados artesãos que apresentam outro tipo de orientação para a confecção de suas peças, produzindo utilitários domésticos ou bijuterias, por exemplo, e inclusive utilizando outras partes do miriti que não se limitam somente à fibra do pecíolo da palmeira.

Dentre tais espaços, na Estação das Docas e na Praça Waldemar Henrique ecoavam os discursos/conceitos dos organizadores dos eventos ali realizados: um era marcado pela afirmação da importância de eventos para o livre acesso à cultura e ao conhecimento da arte feita no estado do Pará, mas desvinculava a cultura e a arte de seus fazedores e, ao priorizar somente a presença das peças no local, para consumo ou para contemplação artística, separava os significados das práticas e dos agentes que o geravam; o outro espaço era caracterizado pelo viés mercadológico, priorizando o artesanato-mercadoria, no qual a qualidade é o principal atributo e os artesãos reconstróem suas identidades com base em atributos valorizados pelo mercado, o que ocasiona a manifestação da dicotomia artesão-artista ou, numa lógica mais empresarial, artesão-empresendedor, como a fala a seguir do artesão Josias Silva, conhecido como Pirias¹³, reflete.

Me desvinculei da Asamab recentemente. Agora, nós vamos formalizar uma nova associação, que vai se chamar Associação dos Empreendedores Artistas do Artesanato do Miriti. Esse artesão vai deixar de existir, a palavra artesão, porque eu acho que o nosso grupo já [...] faz arte.

A gente foca muito a parte mercadológica, o mercado. Não é a proposta de lá da Estação [das Docas]. E na Estação tem muitos trabalhos rústicos, a gente não quer que o nosso trabalho aqui, a gente sabe que tem qualidade, né? E já associa lá com algumas peças que tem lá [...]. E, além disso, quando teve reunião do Museu do Círio, ficou bem claro que eles não focam o lado mercadológico, e sim o lado histórico. Então o mercado, qualidade, pra eles não interessa. Não é o nosso caso. (PIRIAS, artesão de miriti, 44 anos. Entrevista concedida em 11 out. 2013).

Com isso, a realização deste estudo exploratório identificou a necessidade de atentar para essa diferença entre os próprios artesãos de miriti, e os conflitos que surgem dela, como é o caso da recente

¹³ Durante a entrevista, Pirias deu muita ênfase à sua saída da Asamab, da qual foi um dos fundadores, e à realização de diversos cursos oferecidos pelo Sebrae voltados para a gestão de negócios. Ademais, esse artesão foi um dos vencedores da 3.^a edição do Prêmio Sebrae TOP 100 de Artesanato, realizada em 2012 e que reconhece as cem unidades artesanais brasileiras consideradas mais competitivas.

saída de membros da Asamab, para que se possa definir da forma mais clara possível os limites entre cada um desses tipos de agente que atuam no que está sendo definido como Campo de Relações no Artesanato de Miriti de Abaetetuba, além da definição do que seria esse campo social (BOURDIEU, 2004) e das suas relações com os campos de produção cultural.

A elaboração deste relatório também permitiu que se iniciasse a reflexão sobre as diversas relações – internas e externas ao grupo – que os artesãos estabelecem no e com os espaços públicos visitados. Para essa reflexão, parte-se de Santos (1987), que destaca os diversos significados que a rede urbana irá possuir conforme a posição financeira do indivíduo, que, indo de um extremo a outro, irá variar entre os que podem utilizar todos os recursos presentes no território e aqueles que nem mesmo podem levar ao mercado o que produzem e desconhecem o destino que vai ter o resultado do seu próprio trabalho, estando cativos dos preços e das carências locais.

Tal aspecto teve destaque durante a realização deste levantamento, e não numa interpretação restrita à disputa de classes, mas principalmente numa situação interclasses, na qual o Estado fomentou a constituição de algumas territorialidades, como ocorreu na Estação das Docas e na Praça Waldemar Henrique, enquanto enfraqueceu outras, a exemplo da Praça Dom Pedro II e da Praça do Carmo, que se determinaram como espaços públicos pela contraposição a outros *lugares*, e ao constituírem *lugares* alternativos à simbolicamente impenetrável Estação das Docas e à desterritorializada Praça Waldemar Henrique.

Vê-se que essa situação pode ter sido ocasionada pela reformulação do conceito da feira coordenada pelo Sebrae. No entanto, tal reformulação, realizada sob a justificativa da existência de demandas de outros artesãos que não tinham acesso àquele espaço para comercialização de seus artefatos devido à predominância dos artesãos de Abaetetuba, desagradou aos artesãos da Asamab, que optaram por realizar uma feira própria.

Dessa forma, houve uma reterritorialização na Praça Waldemar Henrique, que abrigou somente a Feira do Artesanato do Círio, enquanto a Feira do Artesanato de Miriti foi transferida para a Praça Dom Pedro II, mas deixou de receber apoio do Sebrae e também foi negligenciada pelos órgãos municipais e estaduais, como exemplifica o caso da instalação de energia elétrica para atendimento do local exposto durante as entrevistas e da tentativa de retirada dos artesãos de miriti daquele espaço.

Teve um problema aí com o Sebrae. Eles cobram caro para ficar lá, ficam regulando a hora de abrir e de fechar e não dá pra ganhar muito. Não compensa, porque nos horários que tem mais movimento, no sábado, eles fecham a feira e não dá pra ganhar. Mas, na [Praça] Dom Pedro II, ninguém tá ajudando, nem prefeitura nem nada. Lá é cada um por si e Deus por todos. (DANIEL PANTOJA, 21 anos, ajudante de artesão. Entrevista concedida em 10 out. 2013).

Até ontem a gente não tinha apoio de nada. Não queriam deixar nem as caixas, nem a estrutura lá na praça [Dom Pedro II]. Eles tiveram que correr dois dias atrás disso aqui em Belém, com ajuda de um bombeiro que ficou com pena dos artesãos que estavam reunidos lá na praça, que correu atrás e conseguiu a licença pro pessoal

poder descer do caminhão. Este ano foi o ano, assim, mais difícil pra nós. (ROSINEIA SILVA, artesã de miriti. Entrevista concedida em 11 out. 2013).

Essa redefinição de territórios, que carrega diversos elementos simbólicos, econômicos e políticos, deixa claro que os artesãos de miriti possuíam significações diferentes de acordo com o espaço público em que estavam localizados. Com as observações e os depoimentos recolhidos durante a estada dessas pessoas em Belém, percebeu-se que a localização dos indivíduos no território é, na maioria das vezes, produto de uma combinação entre forças de mercado e decisões de governo, muitas vezes gerando localizações forçadas que resultam independentemente da vontade daqueles que se atinge (SANTOS, 1987).

Também é necessário que no decorrer da pesquisa seja observado como se realizam e variam as relações entre os artesãos e entre estes e os representantes de órgãos públicos e instituições de apoio, o que permitirá identificar a forma pela qual a vida associativa daqueles é influenciada por estas e as variações dessa influência no decorrer do ano, sobretudo nas ocasiões sociais consideradas marcadores temporais na produção do artesanato de miriti: o MiritiFest, realizado em Abaetetuba geralmente no segundo bimestre de cada ano; o Círio de Nazaré, que tem sua ocorrência em Belém no segundo domingo do mês de outubro; e o Círio de Nossa Senhora da Conceição, padroeira do município de Abaetetuba, realizado no mês de novembro, com festa de encerramento no dia 8 de dezembro.

Assim como também é importante buscar o entendimento de como são realizadas as deliberações e os processos decisórios entre os artesãos sobre a organização de suas associações civis (por exemplo, a Asamab) durante essas ocasiões sociais, e também nas microassociações mais ordinárias nessa atividade (ajuntamentos temporários de pequena amplitude para a realização de trabalhos pontuais; as organizações familiares para a realização da produção artesanal; etc.), levando em consideração os aspectos intragrupais e extragrupais. Igualmente importante é a análise do papel que assume nesse tipo de artesanato a organização pautada no grupo familiar e os outros tipos de organização do trabalho que possam ser encontrados, com suas respectivas peculiaridades em termos de objetivos, de divisão de tarefas e de resultados alcançados.

Precedente a essa discussão, é necessário realizar a exploração mais detalhada sobre o que seriam ajuntamentos e vida associativa, estabelecendo as diferenças (ou graus de diferença) entre cada uma dessas categorias, para alcance de um refinamento teórico e metodológico da pesquisa.

Por fim, a elaboração deste relatório também permitiu uma primeira aproximação empírica necessária com a temática estudada e com os principais agentes responsáveis pela criação dos Brinquedos de Miriti, e a reflexão sobre algumas limitações que as técnicas de pesquisas podem apresentar, residindo nesse aspecto grande parte da importância da realização de procedimentos semelhantes em outras pesquisas.

Desse modo, a realização deste estudo exploratório reduzirá os riscos de que, no decorrer da pesquisa, incorra-se em imposição de problemática aos interlocutores, colocando-os diante de estruturações dos problemas que não são as suas e estimulando-os à produção de respostas reativas (THIOLLENT, 1987), e permitirá que sejam conhecidas previamente as diferenças de modo de comunicação de agentes sociais de classes, grupos ou meios sociais distintos para que tais limitações sejam neutralizadas no momento da elaboração dos instrumentos de coleta de dados e no momento de estabelecer o contato com os entrevistados. Com isso, e ao atentar-se para tais limitações, pode-se tratá-las de maneira adequada, diminuindo-se os riscos de ocorrência de problemas, permitindo refinar os resultados obtidos ao se analisar o todo em referência a dados básicos e minimizando-se o efeito de rotulagem de comportamentos, opiniões, atitudes ou crenças.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA PARÁ DE NOTÍCIAS. *Artesãos são premiados na abertura da exposição Miriti das Águas na Estação*. Disponível em: <http://www.agenciapara.com.br/noticia.asp?id_ver=137018>. Acesso em 15 out. 2013.
- ALVES, I. *O Carnaval devoto: um estudo sobre a Festa de Nazaré*, em Belém. Petrópolis: 1980.
- BOURDIEU, P. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. Tradução Denice Barbara Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BUENO, F. S. *Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007. p. 388.
- CEFAÏ, D.; VEIGA, F. B.; MOTA, F. R. Introdução. Arenas públicas: por uma etnografia da vida associativa. In: CEFAÏ, D. et al. (Org.). *Arenas públicas: por uma etnografia da vida associativa*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 9-63.
- COSTA, D. F. Projeto Miriti das Águas. In: SILVEIRA, F. L. A. et al. (Coord.). *Catálogo Miriti das Águas: pesquisa etnográfica, estudo da coleção do Museu do Círio*. Belém: Governo do Pará/SECULT, 2012. p. 08-09.
- FERNANDES, P. C. Círio sem a poética dos miritis não é Círio. In: SILVEIRA, F. L. A. et al. (Coord.). *Catálogo Miriti das Águas: pesquisa etnográfica, estudo da coleção do Museu do Círio*. Belém: Governo do Pará/SECULT, 2012. p. 3-4.
- FIGUEIREDO, S. L. (Org.). *Círio de Nazaré, festa e paixão*. Belém: EDUFPA, 2005.
- GARCÍA CANCLINI, N. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- GOFFMAN, E. *Comportamentos em espaços públicos: notas sobre a organização social dos ajuntamentos*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Círio de Nazaré*. Rio de Janeiro: Iphan, 2006. (Dossiê Iphan; I). Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=725>>. Acesso em: 15 out. 2013.
- KLAUTAU, C. Estação e Hangar realizam exposições em homenagem ao Círio de Nazaré. *ASCOM OS Pará 2000*, Belém, 10 out. 2013. Disponível em : <<http://www.estacaodasdocas.com.br/pagina/noticiadetalhe/ID/3369>>. Acesso em: 11 out. 2013.
- LEITE, D. R. *Girândolas*. Belém: IOEP, 2009.
- LEITE, R. P. Política dos usos: a construção dos lugares no espaço público. In: _____. *Contra-usos da cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004. p. 284-319.
- LIMA, R. G. Arte popular e artesanato: falamos da mesma coisa? *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 95-109, jan./jun. 2009. Disponível em <[http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=chsr&page=article&op=view&path\[\]=763&path\[\]=395](http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=chsr&page=article&op=view&path[]=763&path[]=395)>. Acesso em: 27 set. 2014.

LOUREIRO, J. J. P. *Da Cor do Norte: Brinquedos de Miriti*. Fotos de Jarbas Oliveira; tradução de Hamilton Moura Ribeiro. Fortaleza: Lumiar Comunicação e Consultoria, 2012.

PAGÈS, M. et al. *O Poder das Organizações - A dominação das multinacionais sobre os indivíduos*. 1. ed. 11. reimpr. Tradução Maria Cecília Pereira Tavares, Sonia Simas Favatti; revisão técnica Pedro Anibal Grago. São Paulo: Atlas, 2008.

PINHEIRO, J. SEBRAE abre inscrições para a Feira de Artesanato do Círio. *Agência SEBRAE de Notícias PA*, Belém, 28 ago. 2013a. Disponível em : <<http://www.pa.agenciasebrae.com.br/noticia/21089981/noticias/sebrae-abre-inscricoes-para-a-feira-de-artesanato-do-cirio/>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

_____. Feira de artesanato do Círio abre hoje. *Agência SEBRAE de Notícias PA*, Belém, 9 out. 2013b. Disponível em: <<http://www.pa.agenciasebrae.com.br/noticia/21091926/noticias/feira-de-artesanato-do-cirio-abre-hoje/>>. Acesso em: 5 nov. 2013.

POE, E. A. *Assassinatos na Rua Morgue e outras histórias*. Porto Alegre: L&PM Editores, 2012.

SANTOS, M. Território e cidadania. In: _____. *O espaço do cidadão*. São Paulo: Nobel, 1987. p. 111-133.

SOUZA, A. M. As coloridas girândolas de miriti. *Amazônia Hoje*, Belém, ano I, n. 10, p. 16-20, out. 1989.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 4. ed. Tradução Ana Thorell; revisão técnica Cláudio Damacena. Porto Alegre: Bookman, 2010.

THIOLLENT, M. J. M. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. 5. ed. São Paulo: Editora Polis, 1987. p. 31-99.